

REFLEXÕES SOBRE A EMERGÊNCIA DA “QUESTÃO TAMACHEQUE” EM 1963-1964 SOB MODIBO KEÏTA

Mahfouz Ag Adnane*

Resumo

Este artigo tem como foco central, a difícil e complexa história dos primeiros anos da independência do Mali, período em que se desenvolve uma série de embates políticos, culturais e econômicos entre a sociedade tamacheque, nômades do Saara, e o Estado do Mali sob o governo de Modibo Keïta. A análise tem como base empírica, textos de discursos do primeiro presidente do país e análises publicados em jornais de um lado, e com os poemas escritos pelos tamacheque do movimento cultural denominado Techúmara– expressão da revolta e da necessidade de renovação da própria sociedade -, de outro. Do ponto de vista teórico, retomo as reflexões de Pierre Kipré sobre as contradições geradas pelas fronteiras traçadas sem base nas histórias e processos das populações. Além disto, Franz Fanon dá suporte à discussão a partir de sua reflexão sobre burguesia subdesenvolvida e o intelectual colonizado. O artigo ressalta a importância da produção musical para as novas configurações da luta emancipatória tamacheque e aponta para a responsabilidade das elites africanas e para a importância dos movimentos das sociedades na luta por sua emancipação no contexto dos Estados pós-coloniais.

Palavras-chave: Modibo Keita. Tamacheque. Independências africanas. Movimento cultural Techúmara. Mali.

Resumo

Este artículo tiene como objetivo central, la difícil y compleja historia de los primeros años de la independencia de Malí, durante el cual se desarrolla una serie de conflictos políticos, culturales y económicos entre la sociedad tamacheque, nómadas del Sahara, y el Estado de Malí en el marco del gobierno Modibo Keïta. El análisis se basa empíricamente, primeros textos presidente del país de discursos y análisis publicados en los periódicos, por un lado, y los poemas escritos por movimiento cultural llamado tamacheque expresión

* Doutorando em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em história pela Universidade do Cairo e pela PUC-SP. Pesquisador da Casa das Áfricas – Amanar e do CECAFRO-PUCSP. E-mail: tidjefene@gmail.com

Techúmara – de la revuelta y la necesidad de renovación de la propia sociedad – otro. Desde un punto de vista teórico, volvo a las reflexiones de Pierre Kipré las contradicciones generadas por las fronteras dibujadas sin base en la historia y los procesos de poblaciones. Además, Franz Fanon apoya el debate desde su propia reflexión sobre burguesía subdesarrollada y el intelectual colonizado. En este artículo se hace hincapié en la importancia de la producción de música para la nueva configuración tamacheque lucha emancipatoria y apunta a la responsabilidad de las elites africanas y la importancia del movimiento de las sociedades en la lucha por su emancipación en el contexto de los estados post-coloniales.

Palavras-chave: Modibo Keita. Tamacheque. Independências africanas. Movimento cultural Techúmara. Mali.

ó meu corpo, faça sempre de mim um homem que questiona

Fanon, 2008, p. 191

Introdução

A África pós-colonial viveu (e vive ainda) crise políticas diversas, desde os primeiros momentos das independências que ocorreram em meados do século XX. Elas são em parte consequências das dinâmicas da colonização, mas, também, apontam para a responsabilidade das elites que estiveram à frente da descolonização e da gestão dos governos que se sucederem no poder desde então. As diferenças são importantes entre os vários processos específicos no continente, mas há igualmente questões comuns. Gerard Chaliand (1977), por exemplo, ressalta que a pequena burguesia que passou a administrar os novos países, havia feito parte da administração colonial. Essa pequena burguesia tornou-se intermediária de uma economia dependente uma vez que estava alienada da produção, permanecendo burocrática e vinculada ao comércio, sendo que sua força passou a ser baseada num único fator: a nacionalidade (1977). Sem projeto de desenvolvimento, investimento na produção e na industrialização, os novos governos impuseram impostos enormes às suas populações.

Gostaria de ressaltar outro elemento neste texto: a distância entre estas elites urbanizadas e a grande maioria da população, seus modos de vida e suas aspirações profundas. Neste sentido, focalizo minha atenção sobre a situação do Mali, particularmente em relação às sociedades nômades, sobretudo Tamacheque.

Neste trabalho apresento inicialmente a história da sociedade tamacheque a fim de contextualizar a temática central deste artigo. Esta focaliza-se nos primeiros anos da independência do Mali, quando vimos emergir a chamada questão tamacheque como embate política e cultural que continua até o presente a movimentar os debates no espaço saariano.

A sociedade tamacheque e o Estado do Mali

Na perspectiva de parte significativa da sociedade tamacheque e mesmo segundo autores como Baz Lecocq (2010, p. 29), na década de 1960, formaram-se duas nações no Mali: a nação malinesa legitimada pelo

colonizador francês e a *tumast* tamacheque que se via reunida na proposta das populações do norte (Tamacheque, Moura e Fula) que apoiaram a criação em 1957 da Organização Comum das Regiões Saarianas. No entanto, a proposição Tamacheque, Moura e Fula saiu derrotada, mas o Mali iniciaria sua história já profundamente marcado por ruptura histórica, cultural e política (Boiley, 1999). Este legado colonial foi, e tem sido um dos grandes desafios políticos e culturais do processo político da independência no Mali e constitui o cerne desta reflexão. Procuro aqui situar o papel do Modibo Keita, primeiro presidente do Mali, no que se tornaria, depois, conhecida como a “questão do norte” ou a “questão Tuaregue”.

Parto da análise do discurso de Modibo Keita, depois retomo as condições históricas da sociedade tamacheque a partir dos anos que antecedem as independências e os que se seguiram a esta. É, sobretudo, a violência enquanto elemento da repressão cultural persistente nas ações pós-coloniais (ou neocoloniais) no Mali e aliada da alienação que discuto neste texto. Mas ressalto, contudo que há no processo Tamacheque, o recurso à luta armada e, portanto, à violência de resposta. Afinal “não há povo no mundo que, tendo sido submetido ao jugo imperialista (colonialista ou neocolonialista) tenha conquistado a sua independência (nominal ou efetiva) sem vítimas” (Cabral, 1980, p.38). Acredito que é a defesa de seu modo de vida, língua e ancestralidade além de valor atribuído à própria autodeterminação que gerou tanto a resistência armada como as lutas culturais, duas faces inseparáveis do movimento tamacheque denominado Techúmarra.¹ Ressalto assim a potência da cultura, e nas dinâmicas de reação e de insubmissão

ocorridas vezes incontáveis diante da situação neocolonial vivida após a criação dos novos estados nacionais, neste caso, o Mali.

Modibo Keita e a repressão de 1963-1964 e suas consequências: violência atmosférica e recusa das identidades culturais

Em 1963, após a independência do Mali, os Kel Tamacheque revoltaram-se contra as autoridades do novo país. Foram duramente reprimidos, com fortes confrontos e grandes perdas humanas. A notícia publicada em dos mais importantes meios de comunicação do Mali chamou minha atenção e gostaria de começar com ela para discutir alguns elementos da história da independência e das raízes de um desencontro entre o novo Estado e a sociedade tamacheque. Eu busco discutir que o projeto colonial se fez em meio à negação das culturas e de sua diversidade. A ruptura criada foi mais expressiva nas regiões em que a população ousou para manifestar seu desacordo. Diz o artigo:

Tudo começou em 1963 quando um agente de segurança com sua arrogância e crueldade provocou um incidente, reavivando eventos da época colonial. O agente golpeou de um jovem tamacheque de nome Alladi Ag Alla, lembrando-o do que acontecera com seu pai Alla Ag Albacher, que combatera a França entre 1929 até ser assassinado pelos franceses em 1954, por recusar a assimilação exigida na administração colonial. Ou seja, seis anos antes da independência do Sudão Frances. Três dias depois de seu enterro, os franceses desenterraram-no e cortaram sua cabeça que foi exibida como um troféu macabro em toda região de Bouressa. Traumatizado pelas inimizades do primeiro líder do distrito [*arrondissement*]. Alla decidiu atacar todos os que se vincularam as forças armadas francesas que assassinara seu pai. Depois que Alla

1 Desenvolvi essa temática de forma aprofundada em (Agdane: 2014).

desarmou o agente de segurança provocador e seu companheiro, bateu em um dos principais guias do exército colonial francês. Este foi o que precipitou o início das exações e humilhações realizadas pela polícia do regime do Modibo Keita contra a população tamacheque, terrorizando os acampamentos dos tuaregues, despindo homens em frente suas esposas, obrigando-os de olhar fixando seus os olhos no sol. Dois meses depois destes atos terríveis, explodia a primeira rebelião tamacheque. A região tamacheque foi totalmente militarizada e a revolta popular se tornou uma rebelião aramada. (Bocoun, 2015, *online*)

É importante ressaltar que este artigo é um primeiro deste tipo desde a independência do Mali, sempre os Kel tamacheque foram considerados os inimigos da nação malinesa, Anne Saint Girons afirma que por mais de um século, os tamacheque nunca deixaram de se opor contra o que eles consideraram ser ocupantes ilegítimos. Após a resistência face invasão do período colonial, as rebeliões foram sucessivas esporadicamente contra sistemas políticos vistos como estrangeiros e injustos (2008, p.19). Modibo acreditava que o modo de vida nômade era um alvo a ser sacrificado em nome da ideia de desenvolvimento e modernidade que animou igualmente as lideranças africanas:

(...) os nômades desta região haviam se habituado a viver fora de regulamentações; em outros termos, isto quer dizer que não pagavam impostos. Então, a República do Mali foi proclamada e nosso partido, a Union Soudanese - R.D.A., durante seu Congresso de setembro de 1960, optou pela edificação socialista de nossa economia. Nós consideramos prioridade acabar com o sistema de servidão, liquidar com o feudalismo nas regiões do Sul, onde as populações estão concentradas e submetidas a um controle de Conselho de Fração e de Tribo (Keita, 1964, *online*).

Ele apresentava-se como capaz de subjugar os Tamacheque, tarefa que, segundo ele, teriam fracassado os franceses:

Vocês sabem que, a todo o momento, a região foi palco de operações militares das tropas francesas, devido às dificuldades que a França tinha encontrado (enquanto a República do Mali era Sudão francês) para integrar esta população apegada a suas montanhas no ciclo normal de vida do território. E, os últimos acontecimentos entre os rebeldes e as tropas francesas datam de 1958. Isso quer dizer, então, que durante os 78 anos de domínio colonial, a área nunca foi completamente pacificada (Keita, 1964, *online*).

Os Kel Tamacheque haviam perdido militarmente a guerra contra os franceses, mas não podiam nem entender nem aceitar que estes mesmos entregassem às autoridades desconhecidas que nunca haviam sequer pego em armas (Baryin, 2013). Para eles, uma colonização partiu e outra chegou. Na região dos Kel Adrar havia no final dos anos 1950, esperanças de se alcançar alguma autonomia (Boilley, 1999). Ele fornece informações detalhadas sobre os desencadeamentos da revolta. Explica que havia uma grave questão de rivalidade ligada à sucessão do amenokal da família dominante entre Zeyd e Intalla Ag Attager. Zeyd, seu filho mais velho, teve recusada pelas autoridades a condição de novo chefe por rejeitar aquela transferência de poder aos sudaneses (malineses). Estas dão a chefia a seu irmão mais jovem, favorável à cooperação (Girons, 2008, p.28). Zeyd, já havia lutado junto aos combatentes da luta de independência da Argélia, ou seja, com a Frente de Liberação Nacional da Argélia (para garantir seu domínio sobre suas terras e pastagens) e esperava seu suporte diante da autonomia de seu povo.

Em entrevista a Pierre Boilley (1999, p.321), Ammera Ag Fakri, um dos chefes da revolta exilado na França, afirmou que quando da independência ocorreu, os malineses já sabiam das aspirações do norte. Desta forma, a revolta se organizou na Ar-

gélia, próximo à fronteira. As operações foram coordenadas por Elladi Ag Alla, Issuf Ag Echer, Sid Alamin Ag Echer e Amegha Ag Sharif mas, segundo Girons (2008, p.28), eram inicialmente constituída de poucos homens. Boilley explicou que “o movimento se iniciou em 14 de maio de 1963, com o roubo de equipamentos e de dromedários de *Goumiers*², Elladi ag Alla e Tuteka ag Elladi, terminando em 16 de julho de 1964 com o extermínio dos últimos rebeldes no maciço montanhoso de Timetrine. Após uma série de combates eram mais escaramuças que fileiras de batalhas” (Boilley, 2011, 152).

A revolta de 1963-1964 provocou a morte de um grande número de pessoas, aniquilou bens e, sobretudo, animais (vitais para a economia local), além de levar ao deslocamento forçado grande número de famílias. As forças armadas malinesas agiram sobre o conjunto da população, que segundo conta o líder do grupo Tinariwen, era convocada a presenciar e obrigada a aplaudir as execuções realizadas em praça pública. Boucoun (2015, *online*) enfatizou também que a repressão:

foi marcada pelos massacres de pessoas civis não armadas, indo de uma exterminação de acampamentos inteiros, às exações sumárias e públicas, passando por de pessoas queimadas vivas e inúmeras mulheres mortas em prisões com suas crianças; dizimação de animais por bombardeio implacável; pilhagem de bens materiais dos acampamentos; humilhações verbais; abdução mulheres casadas.

A rebelião teve seus líderes mortos, presos ou exilados e a região foi declarada zona proibida aos estrangeiros, sendo administrada por militares até 1997. E mais, a região

perdeu 40% de seus animais (Girons, 2008, p.30), dizimados pelo exército, que também cortou grande número de árvores. Uma primeira onda de migrações pós-colonial fez-se em direção ao norte, sobretudo para Tamarasset, Ghat, Ouargla e Ghadaïa e, de lá, para a Líbia. A rebelião foi também isolada em termos de ação do conjunto da população Kel Tamacheque, que sofreram, porém, as consequências. Este momento foi a gênese da errância que levaria ao movimento da Téchumara. Talvez a canção intitulada Tuareg de Jorge Ben Jor, com uma célebre interpretação de Gal Costa (1969), seja uma das poucas referências ao mundo tamacheque na arte brasileira. No entanto, ela não foi gravada por compositor. Em Tuareg, Bem Jor associa rebeldia, natureza e religiosidade. Na canção que reproduzo a seguir, são fortes os símbolos mobilizados para a narração de um mundo distante, pulsante, sentimental, guerreiro e nobre.

Na areia branca do deserto escaldante
 Ele nasceu, cresceu guerreando
 Caminhando dia e noite
 No deserto sem errar
 Pois com muita fé e com ele só para pra orar
 Pois pela direção do sol e das estrelas
 No oásis escondido, água ele vai achar
 Pois o homem de véu azul o prometido de Alá
 Pois ele é guerreiro
 Ele é justiceiro
 Ele é um Tuareg
 Galopando seu cavalo preto brilhante
 Ele vem todo de azul orgulhoso e confiante
 Trazendo seu rifle embalado, sua adaga à tiracolo
 Sempre pronto para o que der e o que vier
 Pois ele é sentimental, é humano, é nobre
 É mouro, é muçulmano.

A insubmissão tamacheque foi propaganda francesa desde as primeiras tentativas de incursões nas terras tamache no final do século XIX. Essa resistência persistente e de

2 *Goums* ou *harkas* são os nomes dados aos soldados, mais precisamente a uma polícia recrutada entre a população local, pelo exército colonial francês, para assegurar o controle, a defesa, a vigia e mesmo a repressão.

múltiplas formas perdurou até as lutas pelas independências (lembro a forte adesão na luta de liberação da Argélia, por exemplo) e chega aos dias atuais na forma de luta por autonomia no interior dos novos Estados como no Mali e no Níger.

Lembro aqui que ex-colônias francesas da África do Oeste conseguiram suas independências na década de 1960. Neste contexto, a sociedade tamacheque se viu fragmentada entre fronteiras de cinco novos países: Argélia, Mali, Níger, Burquina Faso e Líbia. É importante lembrar que as fronteiras fragmentadas do Saara, instituídas pelo colonizador europeu e reafirmadas pelas novas autoridades nacionais africanas, haviam dificultado as circulações essenciais ao modo de vida de sua população, afirma Olivier Pliez (2006, p. 688). A este fato crucial somaram-se as secas que dizimaram suas últimas riquezas de uma economia que já havia sido transformada e reduzida a uma frágil atividade pastoril em região ecologicamente muito sensível.

O regime do Mali independente foi severo contra esta população nomade e usou todas formas para submeter as sociedades nômades do Saara. Mas, o que o governo de US-RDA não entendeu os Kel Tamacheque não abanariam seu deserto, seu território ancestral onde inscreveram sua presença desde muitos séculos antes dele. Para os novos governantes o Saara havia sido confiado a eles como herança da história.

Deste modo, após longo período de resistência com diversas revoltas contra o colonizador francês e de lutas por sua emancipação, insurgiram-se contra as atrocidades do Mali, mas conheceram, igualmente, massacres, militarização de seus territórios, pesados tributos e marginalização no novo país. Milhares de pessoas exilaram-se no sul da Argélia, no Níger, na Líbia e, mesmo, na

Arabia Saudita. Buscavam refúgio e possibilidades de sobrevivência. Esta foi a conjuntura histórica na qual se criou o movimento político-cultural dos jovens tamacheque: a Techúmara ou movimento dos Ichúmar (desempregados). A música tornou-se um elemento central da luta em defesa dos direitos dos Kel Tamacheque e da revalorização de sua história. Tinariwen é o grupo musical precursor entre os jovens Ichúmar, foi criado em 1980 nos campos de treinamento de Muammar al-Gaddafi, na Líbia. A música contemporânea tamacheque é confluência multicultural de ritmos e se tornou conhecida como *guitarra*, por extensão do nome do instrumento que é seu símbolo maior. A defesa do modo de vida é tema recorrente da produção poética como se observa na composição de Fadimata Ali Ansary, intitulada *Nômade* em que ressalta a relação entre a pessoa tamacheque (*targui*) o seu Saara:

O nômade
O *targui* nômade
Sou nômade
Nascido no deserto, sob tempestades e tornados
Em suas imensas dunas de areia de corda neve
No cruzamento entre sonho e viagem
Sob o céu azul, tingido pelo arco-íris como em uma tatuagem
E por oásis decorados por belas paisagens
Sou nômade e tenho orgulho de o ser
Longe de ser alguém sem saber nenhum e ignorante de seus valores
Minha mãe me ensinou a aliviar o sofrimento de minhas irmãs
E a cuidar da mulher desde a minha primeira infância
Antes da idade adulta.
Meu pai me confiou o deserto e seus viajantes
E me ensinou a hospitalidade Targui de oferecer tudo aos visitantes
É a lição do meu deserto, para que os homens descubram o nômade benfeitor.

Eu navego sem bússola a qualquer hora
 E me guio no deserto como um aviador
 Sob clima pesado, denso nevoeiro que desafia a força dos motores
 Conheço tal e tal estrela e suas posições
 Capaz de combater a sede sob o calor
 Enquanto homem pousado, expulso o medo
 Neste navio deserto, eu permaneço a bordo
 Que para muitos, é o refúgio da morte
 A água é escassa
 A sede, bárbara
 Às vezes é de você que ela se apodera
 É preciso ser nômade, para viver nele sem beber.
 Ver suas tempestades lhe engolir e a areia que fugir.
 Contudo, o nômade permanece o guia
 Sem conhecer o medo neste grande vazio.
 Ele enfrenta os vórtices e os riscos
 Nas intempéries e eclipses, ele resiste.
 Sob as tempestades, ele se protege sob uma duna
 Na expectativa de ver cair a chuva fina
 Ver suas primeiras gotas
 Deslizar pelo teto de sua tenda ou cabana.
 É no deserto que eu um nômade Targui
 Saboreio a liberdade de minha vida modesta, doce
 Eu, filho deste deserto

Fadimata Ali Ansary, (2015)

Em minha opinião, se o primeiro regime do Mali tivesse assumido uma atitude realmente de unidade, se houvesse instituído o diálogo, talvez tivesse construído bases para a construção de um Estado-nação. Mas, esta não foi a opção, conforme enfatizou ao jornalista citado anteriormente:

Essa repressão horrível tinha razões culturais frequentemente espirituais e testemunho algumas barbáries, atrocidades e execuções como a execução pública Hamzata Ag Safikhoun causada por sua poesia. Execução em Kidal de Sid Mohamed Ilias Nbakouwa Ag Oumeyata, personalidade espiritual renomada em todas as regiões, do Norte de Kidal ao cercle de Rhaous; a execução em

Aguelhoc de Sidi Hayballa Ould Abidine, alta personalidade espiritual dos Kunta. (Bocoum, 2015, *online*)

Bocoum, ao analisar a crise atual do Mali destacou a responsabilidade histórica do “regime tirânico” da Primeira República quando fez de Kidal zona militar e uma enorme prisão, para onde eram enviados os condenados à morte. Além disto:

Em 12 de abril de 1964, os deputados do partido US RDA, impuseram a militarização de Gao, Bourem e Menaka. Como se isto não fosse um crime cultural suficiente como, o mais abominável foi efetivado em 1966, quando o regime tirânico de Modibo Keita realizou formação política dos líderes comunitários com base no “socialismo científico” com conotação ateísta.

O governo do Mali independente não tinha um projeto de construção plural e não estendeu as ações de construção e de investimentos às terras e populações do norte. Cabe lembrar aqui que:

A burguesia nacional, que toma o poder no fim do regime colonial, é uma burguesia subdesenvolvida. O seu poder econômico é quase nulo e, em todo o caso, sem semelhança com o da burguesia metropolitana que pretende substituir. No seu narcisismo voluntarista, a burguesia nacional convenceu-se facilmente de que podia substituir com vantagem a burguesia metropolitana. Mas a independência que a coloca literalmente contra a parede vai desencadear nela reações catastróficas e vai obrigá-la a lançar angustiosas chamadas à antiga metrópole (Fanon, 2010, p.176)

Assim, não se conheceu uma experiência nacional enquanto “fenômeno construído coletivamente e em mutação constante” (Pollack, 1992 *apud* Cabaço, 2011). Seus líderes traziam em si as marcas da formação (ou conformação) colonizadora e da adesão (inveja?) do projeto de modernidade subalternizante e excludente. Era uma elite urba-

na, formada na “Escola de filhos de chefes” da África Ocidental Francesa William Ponty de Dakar que assumia a direção do país. Eles ilustram a reflexão de Fanon quando afirmou que

o intelectual colonizado lançou-se com avidez à cultura ocidental. Parecido aos filhos adotivos, que não abandonam as suas investigações do novo agregado familiar senão no momento em que se cristaliza na sua mentalidade um núcleo mínimo de segurança, o intelectual colonizado procurará tomar sua a cultura europeia. (Fanon, 2010, p.252.)

Como vimos, para a população tamacheque a independência abriu um período caracterizado pelo que Fanon chamou de violência atmosférica (2010, p.89). Mas, a cultura tamacheque gestou respostas de resistência e defesa seu modo de viver e sua territorialidade ancestral. As independências políticas que marcaram a história do século XX em África, não compreenderam ainda, conforme sublinhou Fanon, que existe uma grande dinâmica das culturas africanas cuja força transformadora não põe em causa a ancestralidade e suas narrativas da história. As gerações que se sucederam após 1963, reorganizam-se sob outras bases. A canção do líder político e cultural Ibrahim Ag Alhabib (Ibrahim Abraybone), líder do grupo musical Tinariwen, é eloquente:

63 se foi mas vai voltar
Aqueles dias deixaram marcas
Eles assassinaram velhos e uma criança recém-nascida
Eles destruíram os poços e eliminaram os animais
A América e o Líbano são testemunhos
A Rússia fornecia o ferro inflamado
Minhas irmãs foram perseguidas sem piedade
“Eu não posso vendê-las por preço nenhum”
63 se foi mas vai voltar.

Essa canção é parte de um movimento popular que surgiu nos anos seguintes à

independência do Mali, pontuados pela migração e o empobrecimento e falta de esperança no novo país. A derrota de 1963, juntamente com as grandes secas, sem real suporte do Mali um forte sentimento de desolação levou a sociedade a se dobrar sobre si mesma. Neste contexto nasceu o movimento Techúmara, revelando a necessidade de renovação da própria sociedade (Ag Doho, 2010). Nela se reinscrevia o próprio sentimento de ser tamacheque – *temuchar’a* –, renovando seus ideais que, segundo Hawad (1999, p.13, n.1) “valoriza as qualidades morais de coragem, generosidade, grandeza de alma e independência de espírito”, sendo ela “a estrada, continuidade/ meta, uma asa da via láctea” (Hawad,1999, p.13).

A luta Tamacheque pela inserção no projeto nacional

A nação é, antes de tudo, comunidade cultural e que não se confunde nem com o conceito de nação-Estado nem de Estado-nação (esta expressão do nacionalismo burguês). Ela se funda sobre a comunicação existente entre as pessoas e tem sido, frequentemente banida e combatida como regionalismo e etnicismo. Combate que não esconde seus interesses econômicos e adesão ao capitalismo e a uma ideia excludente de desenvolvimento. Negar as nações sociológicas, seu sentido profundo significou negar as dinâmicas culturais, os saberes e as viabilidades existentes em África. Fanon é contundente quando fala da alienação cultural do período cultural: o resultado conscientemente perseguido pelo colonialismo, era meter na cabeça dos indígenas que a saída do colono significaria para eles o regresso à barbárie, ao aviltamento, à animalização”. Acredito que o que animava a geração de Modibo não estivesse longe dessa leitura quando aplicada, entre outras, às sociedades nômades, principalmente a

tamacheque que ele associou ao mundo feudal a ser destruído.

Na África no século XIX as identidades coletivas eram mais parcelares que hoje, mesmo que houvesse espaços e culturas comuns e longa história de entrelaçamentos e trocas culturais, econômicas e políticas (Kipré, 2005, p. 20/21). O termo nação, dos nacionalismos modernos, aplicado às aspirações de emancipação colonial, desenvolveu-se tendo no ideário da Revolução Francesa seu marco histórico. Tal conceito foi o que se impôs na descolonização da África do Oeste e corresponde, ao mesmo tempo, à expansão do capitalismo (iniciado pela colonização) e de novas formas da dominação de sociedades que, de fato, não possuíam uma “burguesia nacional” independente e enraizada na produção de riquezas (Cabaço, 2015 anotações de aula).

Amílcar Cabral, líderes do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), discutiu intensamente a noção de valor da cultura como fator da resistência:

a cultura é a resultante mais ou menos conscientizada das atividades econômicas e políticas, a expressão mais ou menos dinâmica do tipo de relações que prevalecem no seio dessa sociedade, por um lado, entre homem (considerado individual ou coletivamente) e natureza, e, por outro entre os indivíduos, as camadas sociais, ou as classes (Cabral, 1980, p.56).

Como vimos a cultura é organizadora da resistência e forneceu as bases da luta dos movimentos de libertação africanas. Esse pensamento encontra-se, também, em Fanon, pois a resistência fundamenta na defesa da própria cultura e na narrativa histórica transmitida de uma geração a outra para defender duas coisas fundamentais: modo de viver e territorialidade. A música

assume o lugar da palavra e da história em propagação, comunicação e trocas entre os que ficaram e os exilados. Na Líbia, desde 1978, Intayeden e Abraybone do grupo Tinariwen, realizaram traduzindo sentimentos e inspirando a reflexão comum. É daquele período a canção “Meu deserto, eu não o vendo” (*tenere wer tat zinchegh*), de Intayeden Ag Ablil:

O deserto
 Eu não o vendo
 Eu o amo
 Eu não renuncio ao seu suor
 Eu não me sento em reuniões
 que falam de partida.
 Assim será até que meus ossos
 Se misturem com suas pedras.
 Companheiros, ajudem-me
 Nós iremos reunir suas rochas
 Para construir um jardim
 Onde faremos a sesta
 Sob sua sombra
 O deserto
 Eu não o vendo
 Eu o amo.
 Je ne renonce pas à sa sueur.

A valorização do deserto como lugar na nação (*tumast*), forma o núcleo deste poema musicado, registrado de forma amadora e reproduzido por meio de fitas cassetes nos anos 1980 e 1990. A canção foi posteriormente gravada por Tinariwen em 2007, e por Terakaft na coletânea chamada *Ishumar, musique touareg de résistance* em 2008. Esta produção desejou captar o sentimento que animava as noites de exílio de jovens na Líbia vindos de diferentes localidades do mundo tamacheque nas décadas anteriores.

A sociedade tamacheque tem lutado geração após geração para restabelecer seu equilíbrio, integridade e desenvolvimento. Cabe sublinhar que, a meu ver, a luta da resistência Tamacheque esteve pautada em

reivindicações de integração e de emancipação, além da busca de autonomia para o desenvolvimento regional.

A recusa da marginalização e eclosão da violência de resistência

A resistência tamacheque às forças coloniais francesas, com inúmeras batalhas em diversas regiões teve consequências tanto para a construção do imaginário europeu como deixou marcas profundas na visão dos dirigentes africanos pós-coloniais sobre a sociedade, suas lideranças e modo de vida. Ambas as dimensões permanecem fortemente entrelaçadas até os dias atuais, pois a profundidade histórica da marginalização tamacheque remonta às estratégias coloniais e se renovaram nas formas pós-coloniais de dominação. Mbembe (2013, p.23) assinalou que “O confronto entre o estado pós-colonial e as sociedades pós-coloniais assume formas extremamente variadas, ambíguas e ainda mais complexas porque um dos termos é parte integrante do outro e vice-versa”. Dessa forma, acredito que a luta pela emancipação tamacheque deva ser compreendida no contexto da crise política e econômica que se instalou na África do Oeste, no seio da questão nacional e da construção de fronteiras territoriais, sendo, simultaneamente, uma longa crise de identidade coletiva, política e geográfica, que se produziu desde o século XIX (Kipré, 2005).

Em 1967, Modibo Keita assassinou através de capitão Diby Syllas Diarra três entre os sete chefes tradicionais de Adrar, por terem reclamado uma escola onde suas crianças aprendessem a escrita tamacheque [tifinar] simultaneamente com a língua francesa (Bocoum, 2015, *online*).

Reflexões finais

Ao terminar este trabalho gostaria de lembrar que Modibo - e diversos outros líderes então sudaneses - jamais pegou em armas nem deixou sua confortável condição de cidadão francês. Assim, acompanho a proposição de Sado Bocoum quando diz que “é urgente que os herdeiros de Keita peçam desculpas aos Tuaregues no norte do Mali e a todas as vítimas inocentes de 1960-1967, assim como fizeram os herdeiros de Hitler aos judeus que haviam caído sob a loucura de seu mentor” (2015, *online*).

A reação à dominação que pode se efetivar de diversas maneiras, segundo Frantz Omar Fanon (1968), realçando o fato de que o ser dominado por uma deterioração interior termina por aceitar passivamente sua opressão e a desconstrução profunda do ser. O autor afastou-se de uma concepção essencialista de identidade que é percebida como noção aberta e fluida. Para ele, a alienação resulta em uma perda de si ou da capacidade de autodeterminação tanto individual quanto do grupo social subordinado. A possibilidade de superação depende de transformação da sociedade, sendo preciso “sacudir as raízes contaminadas do edifício” (Fanon, 2008, p.28). Tal tem sido a luta do movimento cultural tamacheque do final de século XX, que conseguiu proclamar internamente a esperança de gerações que traduziram sua ira em revoltas contra a opressão dos Estados africanos (principalmente no Mali e no Níger), em explosões, mas, igualmente em luta cultural. Achille Mbembe (2010) enfatizou que o Estado colonial usou o princípio da diferença e da não similaridade – como uma forma de governo em si mesma. Específicas formas de conhecimento foram produzidas com este objetivo. Seu propósito era canonizar a diferença e eliminar

a pluralidade e a ambivalência da tradição. Acredito que esta perspectiva não é estranha à forma de agir e de conceber as sociedades africanas por dirigentes africanos como Modibo Keita. Ao modo francês, ele também possuía uma visão evolucionista “em que a *civilisation* era o destino dos povos em fases históricas “atrasadas” (Cabaço, 2008, p.91)

Na disciplina do professor José Luís Cabaço, foram discutidos muitos temas importantíssimos para compreender questões tanto do período colonial, como da descolonização com implicações contemporâneas. Outra reflexão que se destacou foi História da África antes da chegada dos europeus que explica seu passado e o que terra apresenta nas sociedades africanas. A disciplina permitiu a mim um debate íntimo com minha história, trouxe-me a possibilidade de criar uma aproximação e um sentimento de vizinhança diante dos temas moçambicanos, antes bem mais distantes. Enfim, aproximei-me de África, reintegrou-me e me deixou (quem sabe) um pouco mais bantu.

Referências

ADNANE, Mahfouz Ag. **Ichúmar: da errância à música como resistência cultural Kel Tamacheque (1980-2010). Raízes históricas e produção contemporânea.** Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2014.

ALANSAR, Fadimata Aly. *Tanin, la fille des sables à Tombouctou*. Paris : Edilivre, 2015.

BARYIN, Gael. Dans les mâchoires du Chacal. Mes amis Touaregs en guerre au Nord-Mali. Le passager clandestin, 2013.

BOCOUM, Sado. Modibo Keita et sa mauvaise gestion de la rébellion de 1963: L'homme par qui les malheurs du Mali continuent... *Malijet.com*, 3/12/2015, *online*. Disponível em <http://malijet.com/actualite-politique-au-mali/141538-modibo-keita-et-sa-mauvaise-gestion-de-la-r%C3%A9bellion-de-1963-1%E2%80%99ho.html>.

html. Acesso em 3/12/2015.

BOILLEY, Pierre. “Géopolitique africaine et rébellions touarègues. Approches locales, approches globales (1960-2011)”, *L'Année du Maghreb*, VII, 2011, 151-162.

BOILEY, Pierre. *Les Touaregs Kel Adagh. Dépendances et révoltes : du Soudan français au Mali contemporain*. Paris: Karthala, coll. Hommes et sociétés, 1999.

CABACO, José Luis. *Anotações de aula: disciplina Áfricas, cultura e poder, 2015*.

CABACO, José Luis. Violência atmosférica e violências subjectivas: uma experiência pessoal. *Rev. bras. Ci. Soc.*, São Paulo, v 26, n. 76, p. 213-218, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=SO102-69092011000200013&lng=en&nrm=iso>. Access em 08/12/2015.

CABACO, José Luis. Moçambique, identidade, colonialismo e libertação. São Paulo: UNESP/ANPOCS, 2008.

CABRAL, Amílcar. *A arma da teoria*. Rio de Janeiro: Codecri, 1980.

CHALIAND, Gerard. *Mitos revolucionários do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.

FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2010

FANON, Franz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

GIRONS, Anne Saint. *Les rébellions touarègues*. Paris: Ibis Press, 2008

HAWAD, Mahmoudan. La teshumara, l'antidote de l'État. In Claudot-Hawad. *Touareg, exil et résistance*. Aix-en-Provence, Édisud, vol.57, n. 3, 1999, p.123-140.

KEÏTA, Modibo. Témoignage historique : Comment le président Modibo Kéïta a vécu et vaincu la première rébellion touareg en 1963. (Discurso reproduzido pelo) *Journal L'Indépendant* du 9 mars 2012. Disponível em <http://www.maliweb.net/news/histoire-politique/2012/03/19/article,55562.html>. Acesso em 6/12/2015.

KEÏTA, Modibo. Discurso de Modibo Keita,

durante sua visita à Argélia em 21 de agosto de 1964. *Solidarité Africaine pour la Democratie et la l'indépendence*. Disponível em <http://www.partisadi.net/2012/08/il-y-a-plus-de-40-ans-le-president-modibo-keita-avait-dit-au-sujet-de-la-rebellion-au-nord-mali-%E2%80%A6%E2%80%A6/>. Acesso em 5/12/2015.

KIPRE, Pierre. “La crise de l’État-nation en Afrique de l’Ouest”, *Outre-Terre*, vol. 2, n.11, 2005, p.19-32. Disponível em: www.cairn.info/revue-outre-terre-2005-2-page-19.htm DOI: 10.3917/oute.011.0019. Acesso em 6/12/2015.

MBEMBE, Achille. *Sortir de la grande nuit*.

Essai sur l’Afrique décolonisée. Paris, La Découverte. 2010.

MBEMBE, Achille. *África insubmissa*. Portugal: Ed. Pedagogo, 2013

LECOCQ, Baz. *Disputed Desert: Decolonisation, Competing Nationalisms and Tuareg Rebellions in Northern Mali*. Leiden, Brill, 2010.

POLLACK, Michael. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*, v. 5, n.10, 1992, p. 200-215.

Recebido em: 25/05/2015

Aprovado em: 21/07/2015